

soldado para garantir a soberania do País, uma soberania que resulta do desenvolvimento econômico, amparado na responsabilidade das Forças Armadas coesas, motivadas e eficazes.

Nesta sessão de homenagem, enfatizamos a sintonia entre o trabalho dos militares brasileiros e a expectativa da sociedade, que sempre mostrou respeito e admiração pelos homens que dedicam suas vidas à defesa desta Nação.

Hoje aqui nos reunimos justamente para manifestar nossa gratidão pelo esforço de nossos soldados. A dedicação profissional incomparável, a busca constante pela qualidade e a preservação dos valores éticos e da tradição castrense fazem dos militares brasileiros exemplos de conduta em que nos podemos apoiar em quaisquer circunstâncias.

Por tudo isso, registramos aqui nossa gratidão sincera ao soldado brasileiro e àqueles que estão à frente da Aeronáutica, da Marinha e do Exército. Quero agradecer e dizer: vocês são heróis! E são heróis não somente por guardar a soberania brasileira, mas heróis por administrar uma força, uma tropa tão grande com os cortes antipatrióticos no orçamento para as Forças Armadas.

Vocês são heróis! Parabéns a todos os soldados brasileiros, lembrando também a Marinha e a Aeronáutica! (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Heráclito Fortes) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Joaquim Francisco, que falará em nome do PFL.

S.Exa. dispõe de até 10 minutos.

**O SR. JOAQUIM FRANCISCO** (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr<sup>tes</sup> e Srs. Deputados, autoridades civis e militares, minhas senhoras, meus senhores, saudar o Exército brasileiro, em meu próprio nome e do partido a que pertenço, constitui para mim motivo de honra e orgulho. É sentimento este que enaltece qualquer Parlamento, qualquer cidadão deste País, independentemente de sigla partidária ou posição ideológica. É que a Força Terrestre Nacional transcende divergências, projeta-se além de interpretações, mesmo conflitantes, da história e da formação da nacionalidade.

Aqui não cabe abordar questões de militarismo ou antimilitarismo, pacifismo ou belicismo. Isso corresponderia a estreitar a visão dos sábios, a amesquinhar horizontes, a resvalar em um reducionismo e uma generalização irresponsáveis.

Ao longo de toda a sua trajetória, assinalada por desafios que longe estiveram de restringir-se à defesa da integridade nacional e à manutenção das fronteiras

do nosso território, o Exército soube manter-se altaneiro em seu sentido de Nação e brio patriótico, honrando os ideais de Caxias que lhe servem de luz e bússola.

A história de uma instituição de tamanha importância é sempre um convite à reflexão, o quanto possível isenta de radicalismo para a louvação exacerbada ou a crítica sistemática. Tudo o que constitui produto humano, particularmente quando se desdobra em complexidade geradas no plano coletivo, não escapa a avaliações e reformulações. O dinamismo que marca o ritmo do processo da existência, no plano do indivíduo ou da sociedade, impõe permanente entrecchoque de idéias que não raro conduzem a turbulências conceituais. Por vezes essas turbulências manifestam-se em crises, das quais podem derivar situações de irreversíveis conflitos, atingindo o chamado ponto sem retorno e pondo em xeque a própria nitidez da imagem individual ou institucional.

Em momentos assim, tão comuns quanto pesados e desgastantes, faz-se imperiosa a recorrência à autocrítica e ao mergulho nas profundezas dos componentes do impasse.

Para lançar mão de termos usuais à vida castrense, estabelecem-se as estratégias e táticas para o mais consistente enfrentamento do problema. O objetivo, porém, é não apenas a sobrevivência, senão por igual o aperfeiçoamento. Este há de ser fruto do bom senso e da coragem de manter o ânimo, a fim de que não se desfigurem os propósitos cristalizados através dos tempos. E é assim que tem agido o Exército brasileiro.

Ouçó, com prazer, o Deputado Affonso Camargo.

**O SR. AFFONSO CAMARGO** – Aproveito a benevolência de V.Exa. apenas para dar um testemunho pessoal. Tive relacionamentos com o Exército por três ocasiões. A primeira marcou-se pelo civismo. É aquele momento em que acredito que muitos de nós, ainda jovens, fazíamos questão de ir ao desfile de 7 de Setembro. E vibrávamos quando vinha o ruir dos tambores, a marcha marcial, a banda do Exército. Sentia que realmente havia um problema de civismo, lembrar-se da Pátria. Chamaria o segundo momento do companheirismo. Eu sou Oficial da Reserva de Engenharia, fiz CPOR de 1949 a 1950. Ali senti o companheirismo, na alegria e na tristeza. Fizemos o acampamento em julho de 1950, quando perdemos a Copa do Mundo para o Uruguai. É interessante, pois, às vezes, converso com meus companheiros de engenharia e nos lembramos mais da época do CPOR do que da época da universidade. Creio que seja pelo sentido de companheirismo. O terceiro momento foi o